

Paraguaios presos por indígenas

Amambai — Às 23h00 de sexta-feira, 8 paraguaios, contratados pelos fazendeiros que lutam pelas terras dos guarani-caiúas, invadiram a reserva Guassaty, na tentativa de roubar toda a erva nativa existente na área. Porém, os 150 índios, que haviam chegado no local às 15h00, transportados por dois ônibus da Prefeitura de Amambai e protegidos por 6 agentes da Polícia Federal de Ponta Porã, durante a noite, desconfiados do barulho na mata, acabaram os surpreendendo e conseguiram prender 2 dos invasores. Os outros conseguiram fugir, utilizando um trator do fazendeiro Egídio Bruno.

No momento desta tentativa frustrada dos paraguaios, os funcionários da Funai e os agentes da Polícia Federal já tinham retornado para Amambai. No entanto, o chefe regional da Funai, Jayme Mattos acabou recebendo um telefonema do próprio fazendeiro Egídio Bruno, comunicando sobre a prisão dos dois invasores. Tendo conhecimento do fato, a equipe retornou para o local. Mas, ao chegar na reserva, os índios informaram que já haviam liberados os dois prisioneiros, afirmando que só queriam pregar um susto.

Fora este incidente, o professor Jayme Mattos explicou que até ontem, conforme informação de um funcionário da Funai, que está acampado junto com os índios na Reserva, os guarani-caiúas vivem em clima de tranquilidade. A volta deles aconte-

ceu depois da chegada, em Amambai, de 6 agentes da Polícia Federal de Ponta Porã, acatando uma determinação do delegado Romeu Tuma, de Brasília, o qual resolveu atender o pedido do Ministério Público Federal de Mato Grosso do Sul.

O regresso — Depois disso, na Aldeia Limão Verde, onde os 150 índios viviam provisoriamente, desde o despejo do dia 10, com o apoio da Prefeitura Municipal de Amambai, os guarani-caiúas foram transportados através de 2 ônibus até os 932 hectares, situados no município de Aral Moreira (377 quilômetros da Capital). Na chegada, o único obstáculo foi uma porteira trancada com um cadeado, obrigando os policiais a arrombá-la. Fora isso, os índios na retomada das terras não enfrentaram nenhum conflito com os fazendeiros, desmentindo a notícia dada por um vereador de Amambai de que aproximadamente 80 capangas armados estariam aguardando para resistir a ocupação da área.

"Nós nascemos aqui. Por isso, lutamos pela terra. Vamos começar tudo de novo". Estas foram as primeiras palavras do capitão Arapongas, líder dos guarani-caiúas, anotadas pelo assessor de imprensa da Prefeitura de Amambai, Marcio Cabreira. Arapongas tem medo de que seus companheiros sejam despejados novamente. Em meio aos sentimentos de felicidade pelo retorno, os guarani-caiúas ainda não conseguem esconder o temor de serem expulsos de suas terras,

bem como a angústia pelo que já aconteceu.

Sinais da destruição — No dia 10 de janeiro, obedecendo a determinação judicial da juíza Suzana de Camargo Gomes, 26 soldados da Polícia Militar acompanharam o oficial para cumprir a ação de despejo. Depois de retirados de suas terras, os 4 fazendeiros que lutam pelo 932 hectares deram ordens aos seus capangas para queimar as casas, lonas, roupas, sapatos, bem como destruir toda a plantação de milho, batata e mandioca, existentes na área. "Os fazendeiros vieram com 5 tratores e passaram em cima. Até os nossos animais foram mortos. Não deu para salvar nada, só nossa vida", lembrou emocionado o capitão Arapongas.

Longo após esta destruição na reserva, com medo, algumas crianças e velhos correram para mata e ficaram escondidas. "Lá só tinha tatu para comer. Agora nós voltamos com pouca erva e teremos que reconstruir tudo de novo. Lembrando o saque que sofreram dos paraguaios da erva-mate nativa existente na Reserva, os guarani-caiúas explicaram que ela vem sendo o principal motivo de intriga entre eles e os colonos, os quais devido ao valor econômico, tentam cortá-la e comercializá-la. Já os índios insistem em preservá-la. Porém, o saque que ocorreu na última sexta-feira, para eles, foi mais uma ação de vandalismo comandada pelos fazendeiros, do que o interesse pela comercialização da erva.

ARQUIVO



Depois do despejo, os guarani-caiúas tiveram suas casas, lonas, roupas, sapatos, todos queimados e suas lavouras destruídas